

CONTRIBUIÇÕES DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Phonological conscience contributions in the literacy process

Carla Aparecida de Moura Sparremberger Martins¹

Viviane Guidotti²

Resumo: A alfabetização é um processo muito complexo, que envolve muitas habilidades dos alunos, fazendo com que o professor se torne um agente fundamental nesse processo, mediando momentos significativos de aprendizagem aos alunos. Dessa forma, este estudo teve como objetivo geral reconhecer as contribuições da consciência fonológica desde a infância – na Educação Infantil para a Alfabetização nos primeiros anos do Ensino Fundamental, tendo como abordagem metodológica uma pesquisa qualitativa (ANDRÉ, 2001), em que foi utilizada como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada com três professores alfabetizadores e um especialista da área da educação. Essa entrevista nos trouxe as questões teóricas e práticas sobre a utilização da consciência fonológica, sendo essas explicitadas nos resultados e discussões desta pesquisa. Diante disso, é possível afirmar a importância de o professor aprimorar sua prática em sala de aula e buscar constantemente formação continuada. Os resultados apontam que é fundamental realizar um trabalho de consciência fonológica desde a Educação Infantil e em todo o ciclo de alfabetização, uma vez que se percebeu, nas entrevistas, que oportunizar atividades com metodologias que estimulem a arte de escutar atentamente com os alunos desde a infância pode gerar uma predisposição para ler e escrever.

Palavras-chave: Consciência fonológica. Alfabetização. Metodologia de ensino.

Abstract: Literacy is a very complex process that involves many abilities from students, causing the teacher to become a fundamental agent in this process, mediating significant moments of learning to students. Thus, this study had as general objective to recognize the contributions of phonological conscience since childhood – in Early Childhood Education for Literacy in the early years of Elementary School, with a qualitative research as methodological approach (ANDRÉ, 2001), in which it was used as instrument of data collecting a semi-structured interview with three literacy teachers and one specialists in the area of education, in order to understand theoretical and practical issue on the use of phonological conscience, those being clarified on the results and discussions of this research. From this research it's possible to state the importance for the teacher to improve his experience in class and constantly seek continuous training. The results indicate that it's essential to perform a work of phonological conscience since Kindergarten and during the entire Literacy Circle, once it was reported in interviews that creating opportunities to activities with methods that stimulate the art of listening carefully with students since childhood may generate a predisposition to read and write.

Keywords: Phonological conscience. Literacy. Teaching methodology.

Introdução

O presente estudo é um recorte da pesquisa desenvolvida na disciplina de Trabalho de Graduação, no curso de Pedagogia, que teve como tema consciência fonológica. Delimitou-se o tema do estudo a partir das contribuições da consciência fonológica no processo de alfabetização, vinculada à área de concentração em Metodologias de Ensino.

A relevância deste estudo está em ressaltar que um fator a ser considerado na alfabetiza-

¹Tutora externa do curso de Pedagogia, orientadora do Trabalho de TCC – Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Rodovia BR 470 - Km 71 Km 71, nº 1.040 – Bairro Benedito. Caixa Postal 191. CEP 89130-000 – Indaial/SC. Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090. Site: www.uniassevi.com.br.

²Graduada em Pedagogia, professora da rede estatual de ensino do Rio Grande do Sul, na cidade de Sapucaí. Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Rodovia BR 470 - Km 71, nº 1.040 – Bairro Benedito. Caixa Postal 191. CEP 89130-000 – Indaial/SC. Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090. Site: www.uniassevi.com.br.

ção é a consciência fonológica, por estar atrelada ao desenvolvimento da criança desde muito pequena. Dessa forma, a problemática da pesquisa foi: “Quais são as contribuições da consciência fonológica no processo de alfabetização?” A partir da problemática, o objetivo geral se delineou em compreender a importância de estimular a consciência fonológica desde a infância, a partir de uma revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo.

Assim, para alcançar esses objetivos, os caminhos metodológicos escolhidos foram sob a perspectiva de uma pesquisa qualitativa, ancorada nas concepções de André (2001), utilizando como instrumento de coleta de dados uma entrevista com profissionais da educação e especialistas, a fim de entender as questões práticas em sala de aula e a contribuição para o letramento.

Os significados da alfabetização e os métodos utilizados

Nos últimos anos, pessoas ligadas à área da Educação têm apresentado preocupação referente à alfabetização dos alunos, pois alguns deles não leem e/ou não escrevem, ao chegar ao final do ciclo de alfabetização, os primeiros três anos do Ensino Fundamental, enquanto outros não interpretam aquilo que leem, os chamados analfabetos funcionais. “[...] os resultados do Sistema de Avaliação (SAEB) de 2002 divulgados pelo Ministério da Educação em 2003 apontaram dois problemas cruciais no Brasil: o fato de os alunos não aprenderem a ler e escrever e o problema da falta de letramento” (SHOTTEN, 2011, p. 59).

Esses problemas na formação de alunos são considerados fracassos que são revelados para fora da escola em avaliações internacionais.

Anteriormente ele se revelava em avaliações internas à escola, sempre concentrado na etapa inicial do Ensino Fundamental, traduzindo-se em altos índices de reprovação, repetência, evasão; hoje, o fracasso revela-se em avaliações externas à escola – avaliações estaduais (como o SARESP, o SIMAVE), nacionais (como o SAEB, o ENEM) e até internacionais (como o PISA) –, e espraia-se ao longo de todo o Ensino Fundamental, chegando mesmo ao Ensino Médio, e se traduz em altos índices de precário ou nulo desempenho em provas de leitura, denunciando grandes contingentes de alunos não alfabetizados ou semialfabetizados depois de quatro, seis, oito anos de escolarização (SOARES, 2004, p. 9).

Seguindo essa perspectiva, é preciso compreender como surgiu a necessidade de se alfabetizar e os meios encontrados para que isso se processasse.

[...] uma vez percebida a escrita num contínuo comunicativo do qual a oralidade é parte constitutiva e transformadora, a influência da experiência da oralidade está presente durante todo o processo de construção da escrita. A oralidade e a escrita passam a ser vistas como duas maneiras de significar, e a maneira já conhecida torna-se o ponto de referência para a compreensão da maneira ainda desconhecida (KLEIMAM, 1995, p. 113).

Corroborando Kleimam (1995) com o entendimento de que a alfabetização surgiu da necessidade de comunicação entre as pessoas que deveriam se apropriar de um sistema de símbolos (escrita) padrão para comunicar-se, é preciso compreender que, com o passar dos anos, iniciou-se a utilização de métodos que proporcionavam que as pessoas se apropriassem do sistema de escrita, conforme descreve Carvalho (2005, p. 18):

Durante décadas, discutiu-se que métodos seriam mais eficientes: se os *sintéticos* (que partem da letra, da relação letra-som, ou da sílaba, para chegar à palavra), ou os *ana-*

líticos, também chamados globais (que têm como pontos de partida unidades maiores da língua, como o conto, a oração ou frase). [grifos do autor]

Os métodos mais utilizados até então eram: analíticos, sintéticos e globais, caracterizados da seguinte forma:

Quadro 1. Métodos de Alfabetização

MÉTODO ANALÍTICO OU GLOBAL	MÉTODO SINTÉTICO
Uso de textos para que a criança descobrisse as partes menores	Exercícios de prontidão
Partia da totalidade	Partia das unidades menores para as unidades maiores
Texto/ Frase/ Palavra/ sílaba	Letra/ Fonema/ Padrões silábicos

Fonte: Adaptado de Carvalho (2005).

No entanto, cabe destacar que:

o uso de métodos para alfabetizar se dava da seguinte forma: os alunos aprendiam a técnica (nome das letras, sons etc.) antes de saber as funções da escrita, ou seja, antes de gostar de escrever e ler, e assim, muitas vezes, o ensino da técnica se sobrepunha ao prazer, à percepção de que a leitura e a escrita faziam parte da vida do aprendente. O que se propõe hoje (DALLA VALLE, 2011, p. 70).

Com esse intuito de que as práticas pedagógicas dos professores fossem revistas, para que os alunos pudessem entender a importância da leitura e da escrita, começam a surgir vários estudos¹ criticando a ideia de uma alfabetização somente para a codificação e decodificação, e começa-se uma visão esquecida e o seguinte questionamento: Para que devemos saber ler e escrever?

O surgimento do letramento

O questionamento sobre a função da leitura e da escrita surge, pois:

Numa visão geral, os alunos que eram educados por esses métodos sabiam ler e escrever, mas não conseguiam compreender tudo o que liam e não escreviam muito mais do que frases soltas. Isso não acontecia só no Brasil, mas em outros países que tinham as mesmas bases da alfabetização (DALLA VALLE, 2011, p. 64).

Desta forma, a partir de 1980 esses métodos que visavam à codificação e à decodificação, que muitas vezes culminavam em retenção, começaram a receber críticas de muitas pessoas.

Assim, chegamos ao século XXI com cerca de 20 milhões de analfabetos, aos quais se somam outros tantos cidadãos que possuem apenas rudimentos de leitura e escrita. No entanto, espera-se que os trabalhadores urbanos das funções mais modestas tenham no

¹Estudos realizados por Soares (2004; 2015), Dalla Valle (2011), Carvalho (2005), entre outros.

mínimo condições de ler e entender avisos, ordens, instruções. Para as funções qualificadas, exigem-se pessoas capazes de usar a leitura e a escrita para obter e transmitir informações para comunicar-se, para registrar fatos (CARVALHO, 2005, p. 16).

Com base nas funções que a leitura e a escrita deveriam exercer, surge uma nova teoria, alicerçada por duas grandes estudiosas da alfabetização, sendo elas Emília Ferreiro (1998) e Ana Teberosky (1998), que, por sua vez, trouxeram novas práticas de alfabetização, conforme segue:

Demonstrando que a escrita alfabética não era um código, o qual se aprende a partir de atividades de repetição e memorização, as autoras propuseram uma concepção de língua escrita como um sistema de notação que, no nosso caso, é alfabético. Elas perceberam, por meio de pesquisas, que, no processo de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, os alunos precisariam entender como esse sistema funciona (MEC/SEB 2012, p. 16).

“Pregava-se a necessidade de possibilitar que as crianças se apropriassem do Sistema de Escrita Alfabética a partir da interação com diferentes textos escritos em atividades significativas de leitura e produção de textos, desde a Educação Infantil” (BRASIL, 2012, p. 17).

Dessa forma, surge a necessidade de proporcionar às crianças uma vivência com os textos para que elas soubessem produzir e utilizá-los e não apenas reproduzi-los. Surgindo dessa maneira um novo termo: Letramento “[...] como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia em contextos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 18).

É possível perceber essa preocupação também na seguinte citação: “O uso do conceito de letramento nas práticas pedagógicas indica que a alfabetização que estamos querendo realizar envolve estudantes em práticas de leitura e escrita que tenham significado e façam parte da vida social” (DALLA VALLE, 2011, p. 80).

Contrapontos entre a alfabetização e o letramento

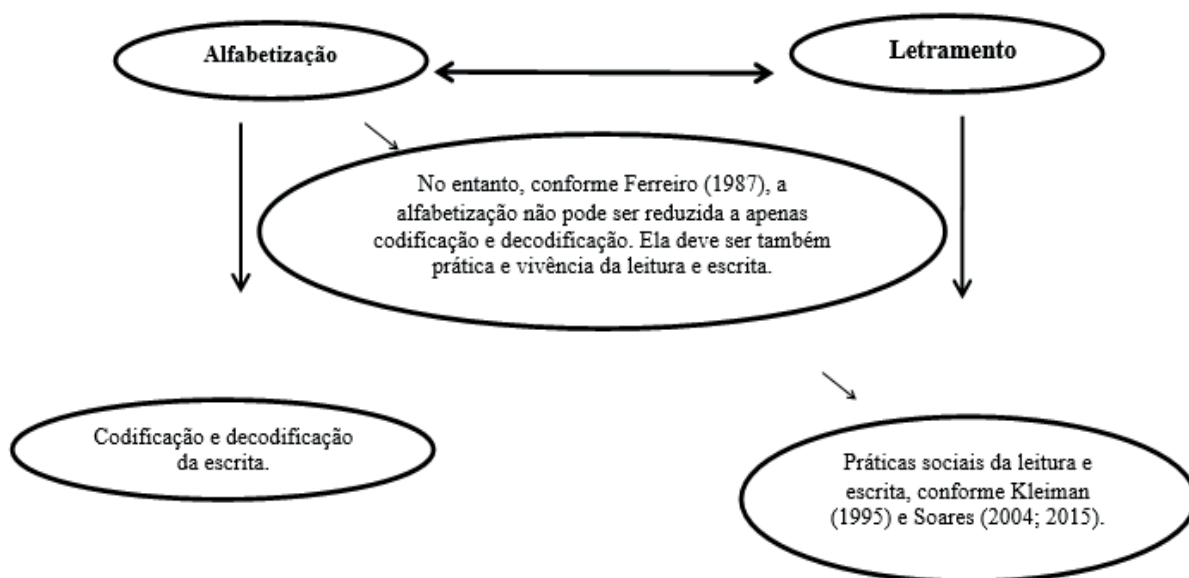
Esse termo surgiu por volta do ano de 1986, recebendo algumas críticas. “Emília Ferreiro [...] diz que não usa a palavra letramento, pois com o uso dela a alfabetização virou sinônimo de decodificação” (SCHOTTEN, 2011, p. 59).

Sendo assim, a alfabetização é um processo muito mais amplo do que ler e escrever. Entretanto, muitos autores afirmam que o letramento e a alfabetização

[...] são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 1998, p. 47 apud BRASIL, 2012, p. 20).

É importante salientar a definição do conceito letramento: “[...] o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever; o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita” (SOARES, 1998, p. 18 apud CARVALHO, 2005, p. 65). A partir dessas informações, podemos definir os seguintes conceitos:

Figura 1. Diferenças entre alfabetização e letramento



Fonte: Kleiman (1995) e Soares (2004; 2015).

No entanto, “ninguém aprende a ler e a escrever se não aprender as relações entre fonemas e grafemas para codificar e para decodificar. Isso é uma parte específica do processo de aprender a ler e a escrever. Linguisticamente, ler e escrever é aprender a codificar e a decodificar” (SOARES, 2009, p. 2 apud DALLA VALLE, 2011, p. 69).

Por isso, embora se pense em práticas sociais de leitura e escrita, visa-se ao letramento. É necessário passar pelo processo de sistematização da escrita, em que é preciso entender as relações entre fonemas e grafemas. Para que isso aconteça, a criança deve construir uma consciência fonológica, que será tratada a seguir.

A importância da consciência fonológica na alfabetização e no letramento

Baseado na importância da consciência fonológica, de acordo com a teoria de Ferreiro (1987) de que alfabetizar é muito mais amplo do que simplesmente codificar e decodificar, cabe salientar que várias metodologias são utilizadas no processo de alfabetização.

Vários estudos se basearam em uma alfabetização sem métodos determinados, em que se valoriza a escrita, a partir da década de 1980 (FERREIRO, 1987 apud DALLA VALLE, 2011). No entanto, existe uma que não é caracterizada como método, mas é essencial na construção da escrita, ou seja, a consciência fonológica, que é um dos elementos da problemática de pesquisa deste estudo: Quais são as contribuições da consciência fonológica no processo de alfabetização?

Antes de explicitar as contribuições da consciência fonológica para a alfabetização, é importante salientar que a oralidade é muito importante para a compreensão do sistema alfabético: “[...] a língua foi aprendida em contextos de comunicação, mas, para compreender a escrita, é preciso considerá-la como um objeto em si e descobrir algumas de suas propriedades específicas que não são evidentes no ato de comunicação” (BASSO, 2007, p. 43).

Sendo assim, para compreender a escrita, precisamos entender como falamos, como é destacado a seguir:

Antes que possam ter qualquer compreensão do princípio alfabético, as crianças devem entender que aqueles sons associados às letras são precisamente os mesmos sons da fala. Para aqueles que já sabem ler e escrever, essa compreensão parece muito básica, quase transparente. No entanto, as pesquisas demonstram que a própria noção de que a linguagem falada é composta de sequências desses pequenos sons não surge de forma fácil em seres humanos (ADAMS et al., 2006, p. 19).

Para a criança, é muito difícil identificar os sons que compõem a fala para conseguir estruturar sua escrita relacionando-a com letras. Para quem já sabe ler, esse processo parece óbvio, mas é muito mais simples para crianças dividirem a palavra em sílabas e associar a rimas do que diferenciar os sons das unidades menores.

Conforme Adams et al. (2006, p. 19), “As pequenas unidades da fala que correspondem a letras de um sistema de escrita alfabética são chamadas de fonemas. Sendo assim, a consciência de que a língua é composta desses pequenos sons se chama consciência fonêmica”.

Fundamentado nesse conceito, é preciso encontrar maneiras de auxiliar a criança a descobrir a existência dos fonemas, através de estímulos e de atividades que desenvolvam a percepção do som nas palavras que pronunciam para a aquisição da escrita.

Consonante a isso, faz-se necessário destacar o conceito de consciência fonológica:

[...] capacidade de distinguir e manipular os sons constitutivos da língua. A consciência fonológica existe, de maneira mais ou menos grosseira, antes do aprendizado da leitura e se reforça ao longo dos diferentes tempos desta aquisição (RIVIÈRE, 2001, p. 124 apud CARVALHO, 2005, p. 28).

Métodos que utilizam a consciência fonológica e suas diferenças

Sabendo então que a consciência fonológica não é um processo que ocorre naturalmente, faz-se necessário buscar metodologias que auxiliem a criança a perceber as unidades menores de sua fala, ou seja, que ela é composta por sílabas e fonemas. No entanto, existem metodologias que se utilizam da consciência fonológica, como o método destacado a seguir:

Métodos fônicos têm a ver com consciência fonológica porque ressaltam a dimensão sonora da língua e a capacidade do leitor para decompor sons que formam palavras, representados na escrita pelas letras. Enfatizam a decodificação e a aprendizagem do código alfabético, isto é, das relações entre sons e letras. Partem de palavras curtas e simples e, ao contrário dos métodos globais, recomendam o controle sistemático das palavras ensinadas e aprendidas. Os professores que os aplicam podem usar ou não cartilhas, mas ensinam os fonemas e as letras que os representam numa ordem prefixada. Em princípio, estão mais voltados para a alfabetização que o letramento (CARVALHO, 2005, p. 28).

Diferente do método fônico, a consciência fonológica não possui uma ordem prefixada, ela deve ser estimulada desde muito cedo na criança, pois “a consciência fonológica ou meta-fonologia é entendida como uma habilidade de refletir explicitamente sobre a estrutura sonora” (SANTOS et al., 1997 apud BASSO, 2007, p. 45). Sendo assim, podemos dizer que o método fônico é a decomposição dos sons contidos nas palavras, e consciência fonológica é o pensar sobre sons da fala para desenvolver a escrita e está relacionada com o letramento e com a alfabetização que não se resume apenas à codificação e à decodificação. A partir de estudo sobre a consciência fonológica sob a perspectiva teórica de Cielo, Basso (2007, p. 45) destaca que:

[...] sob a expressão “Consciência Fonológica”, estão englobadas as habilidades em reconhecimento e produção de rimas, análise, síntese, reversões e outras manipulações silábicas e fonêmicas, além de habilidades em realizar a correspondência entre fonema e grafema.

A partir dessa perspectiva é possível salientar que, desde muito cedo, as crianças já brincam com cantigas que envolvem rimas e separação oral de sílabas, pois é mais fácil para elas perceberem a relação entre as unidades maiores (palavras e sílabas) do que os fonemas.

As contribuições da consciência fonológica desde a infância

Antes de chegar ao período de alfabetização, seria fundamental que a Educação Infantil e também o primeiro ano do Ensino Fundamental proporcionassem atividades que estimulassem a identificação dos sons, conforme salientado a seguir:

Escutar sons que não sejam da fala é relativamente fácil e natural para as pessoas, desde que prestem atenção. Aqui reside o principal motivo para que os jogos de escuta sejam os primeiros: introduzir as crianças na arte de ouvir ativa, atenta e analiticamente. Pode-se pedir que escutem muitos sons do cotidiano, tais como o barulho do vento, do ar-condicionado e o bater da porta. De olhos fechados, as crianças devem identificar os sons, lembrar-se de sua ordem e descobrir de onde eles vêm (ADAMS et al., 2006, p. 37).

De acordo com esses autores, os estímulos para a identificação dos sons desde a infância são muito importantes para o processo de alfabetização, pois eles serão facilitadores para as demais etapas que as crianças terão que percorrer na construção da leitura e da escrita. Sendo assim, a criança que recebe estímulos para esse objetivo na escola e também na família poderá ter mais facilidade para alfabetizar-se. Após esse período de reconhecimento dos sons do cotidiano, a criança poderá participar de brincadeiras com rimas e separação de palavras.

A sensibilidade às rimas surge com bastante facilidade para a maioria das crianças. Por isso, os jogos com rimas são uma excelente iniciação à consciência fonológica. Por direcionar a atenção das crianças às semelhanças e às diferenças entre os sons das palavras, o jogo com rimas é uma forma útil de alertá-las para a ideia de que a língua não tem apenas significado e mensagem, mas também de forma física (ADAMS et al., 2006, p. 51).

Para auxiliar na descoberta das rimas, as crianças poderão escutar diferentes tipos de texto com rimas e cantar músicas, bem como ouvir poesias e tentar descobrir palavras que rimam com cada verso, por isso cabe ao professor mediar esse processo, auxiliando o aluno e proporcionando atividades significativas.

Segundo Adams et al. (2006), “[...] sendo um professor criativo, é possível ter muitas ideias para novas variações de jogos e atividades, as quais aprimorarão seu valor e torná-los-ão mais atraentes às crianças”.

Por isso, cabe ao professor ser criativo e buscar sempre atividades que envolvam e motivem os alunos a aprimorar a escuta e o reconhecimento dos sons, partindo sempre dos sons do cotidiano da criança para mais tarde iniciar seu processo de alfabetização. Desta maneira, baseado nessas teorias, a consciência fonológica é necessária, mas é preciso buscar novas es-

estratégias sempre, pois somente sua utilização não garante o pleno desenvolvimento da leitura e da escrita, pois relacionar fonemas e letras é um processo muito complexo, mas a consciência fonológica serve como um facilitador nesse desenvolvimento.

Os níveis da escrita e a consciência fonológica

A consciência fonológica é também uma contribuinte no processo de desenvolvimento da escrita, pois ela auxilia no processo de sua construção. “As crianças em contato com a linguagem escrita de seu meio elaboram ideias na tentativa de atribuir sentido à escrita. Essas ideias mudam em contato com o ensino. Não é um processo passo a passo, e sim de construção e reconstrução” (DALLA VALLE, 2011, p. 66).

Um dos itens fundamentais que auxiliam no desenvolvimento da escrita é a escrita espontânea, sugerida por muitos professores nas entrevistas realizadas, pois, segundo Emília Ferreiro (apud DALLA VALLE, 2011, p. 43), é imprescindível considerar a escrita, o seu desenvolvimento:

Antes do conhecimento sobre as pesquisas de Ferreiro, as formas de escrita diferentes da convencional eram classificadas como erradas, isto é, o aluno havia cometido um erro na tentativa de escrever. As pesquisas de Ferreiro trouxeram outra visão de “erro”, mostrando que, na verdade, as escritas que eram consideradas “erradas” são parte do processo de aprender a escrever “certo” (DALLA VALLE, 2011, p. 45).

Pensando nisso, Emília Ferreiro (apud DALLA VALLE, 2011, p. 43), através de estudos, descobriu que as crianças passam por níveis conceituais diferentes e sequenciais ao aprender a escrever, a saber:

Neste nível [pré-silábico], a escrita não tem correspondência com o som. [...] Registra símbolos e pseudolettras misturadas com números e letras. No final desta fase, começa a diferenciar letras de números, desenhos ou símbolos e reconhece o papel das letras na escrita. Percebe que as letras servem para escrever, mas não sabe como isso ocorre (DALLA VALLE, 2011, p. 43).

Observando essa explicação, podemos perceber que nessa fase a criança não pensa sobre a escrita, pois ainda não reflete sobre os sons que as palavras possuem, ou seja, não tem a consciência fonêmica. Por isso, a metafonologia deve ser estimulada nessa fase, para que a criança comece a perceber a estrutura das palavras. Já no nível silábico:

Ao escrever, a criança conta os “pedaços sonoros” – as sílabas das palavras e das frases – e usa uma letra para representar cada sílaba. As letras podem ou não ter valor sonoro convencional. [...] A criança escreve somente com vogais, ou somente com consoantes, ou utilizando vogais, ou somente consoantes, ou utilizando vogais e consoantes, mas sempre com uma representação (letra) para cada sílaba ou frase (DALLA VALLE, 2011, p. 45).

Nesse nível, a criança começa a dividir as palavras em sílabas; sendo assim, decompõe em sons, mas não consegue identificar todos os fonemas. Todavia, no nível silábico alfabético, a criança:

[...] avança para outra fase, na qual o valor sonoro torna-se fundamental, e começa a acrescentar letras, principalmente na primeira sílaba. A palavra boneca, por exemplo, é escrita assim: “bonc” e não mais “bnc” (escrita silábica). Nesse momento, a criança encontra-se perto da escrita alfabética, e quanto mais refletir, escrever e comparar suas escritas, cada vez mais se aproximará do último nível (DALLA VALLE, 2011, p. 45).

Como foi possível notar, nesse nível a criança começa a refletir sobre os fonemas contidos nas palavras, começa a entender a composição das sílabas que formam as palavras, mas omitindo algumas por estar no nível intermediário entre o silábico e o alfabético. No entanto, quando avança ela passa para o nível alfabético: “A criança agora consegue ler e expressar graficamente o que pensa ou fala. Contudo, escreve foneticamente (ou seja, faz a relação entre som) e ainda não consegue escrever ortograficamente” (DALLA VALLE, 2011, p. 44).

Portanto, nesse nível a criança já tem a consciência dos fonemas que compõem uma palavra, mas não conhece as regras ortográficas. Sendo assim, podemos considerar que a consciência fonológica, quando estimulada desde a infância, auxilia no pensar sobre a escrita, pois ela terá maior sensibilidade ao escutar e passará por esses níveis já propostos por Emília Ferreira (1987 apud DALLA VALLE, 2011, p. 43).

Atividades que estimulam a consciência fonológica

Para desenvolver a consciência fonológica ou metafonologia, é imprescindível que os professores, desde a Educação Infantil, possam realizar atividades e jogos com seus alunos. O ideal seria um processo contínuo.

[...] é importante trabalhar com jogos regularmente e retomar cada um com frequência, até que tenha sido dominado e possa ser ampliado. Em sala de aula de Educação Especial, contudo, o programa deve ser iniciado no nível de dificuldade identificado para cada criança e seguido a partir desse ponto (ADAMS et al., 2006, p. 23).

Diante disso, é importante que os alunos possam aprender enquanto brincam através de jogos, pois os jogos e as brincadeiras são atrativos para as crianças e estimulam a compreensão dos sons. Entretanto, eles devem ser adaptados conforme as dificuldades de cada aluno, para não haver frustrações por parte do aluno. É importante lembrar também que devemos partir do que o aluno já conhece para que ele crie novos conhecimentos.

Outro ponto relevante é a regularidade dos jogos e também a continuidade do processo, para um maior aprendizado da linguagem, da leitura e da escrita durante a Educação Infantil e o Ciclo de Alfabetização.

Metodologia

A metodologia utilizada neste estudo seguiu uma abordagem de pesquisa qualitativa, fundamentada em André (2001, p. 54), que reconhece:

[...] os estudos qualitativos que englobam um conjunto heterogêneo, de perspectivas, métodos, de técnicas e de análises, compreendendo desde estudos tipo etnográfico, pesquisa participante, estudos de caso, pesquisa-ação até análises de discurso e narrativas, estudos de memória, histórias de vida e história oral.

A justificativa da escolha da pesquisa qualitativa (ANDRÉ, 2001) fundamenta-se por

essa abordagem permitir compreender o tema deste trabalho, sobre a consciência fonológica. Como sujeitos da pesquisa, buscou-se professores alfabetizadores e especialistas na área da Educação.

A escolha desses sujeitos se justifica, por eles atuarem no processo de alfabetização. O professor como o mediador, e o aluno como aquele que precisa ser alfabetizado. Os especialistas foram escolhidos porque, como os professores, devem zelar pela aprendizagem dos alunos. Além da fundamentação teórica, faz-se necessária também a experiência ressaltada pelos sujeitos da pesquisa.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada aplicada a três professores alfabetizadores e um especialista em Administração, Orientação e Supervisão Escolar, com os seguintes questionamentos: caracterização sobre alfabetização e letramento, os métodos utilizados no processo de alfabetização, o entendimento por consciência fonológica e como cada alfabetizador administra a introdução da escrita com relação à fala com os seus alunos.

Além disso, perguntou-se se o trabalho, sob a perspectiva da consciência fonológica durante os três primeiros anos do Ensino Fundamental, traria melhorias na aprendizagem dos alunos; sobre o papel da Educação Infantil para as crianças na aquisição da consciência fonológica; as principais dificuldades ao alfabetizar e as contribuições da gestão escolar nesse processo. Essas entrevistas foram realizadas por meio de um roteiro de perguntas semiestruturadas, pessoalmente com a entrevistadora, que fez a anotação das respostas.

Optou-se por preservar o anonimato dos sujeitos, assim foram utilizadas letras para cada um dos sujeitos, que serão apresentadas na Tabela 2 – na seção a seguir.

Resultados e discussão

A pesquisa procurou embasamento teórico para analisar as falas sobre as experiências das práticas pedagógicas dos professores entrevistados, tendo como finalidade reconhecer as contribuições da consciência fonológica no processo de alfabetização, ao identificar a utilização de atividades que possam desenvolver a consciência do som desde a infância e retomar alguns termos sobre alfabetização e letramento, para responder à problemática deste estudo sobre “quais são as contribuições da consciência fonológica no processo de alfabetização”.

Os professores entrevistados possuem idades distintas, sendo dois da rede pública estadual, atuantes no terceiro ano do ciclo de alfabetização. O terceiro sujeito da pesquisa é uma professora do segundo ano do ciclo e atua na rede pública municipal. Já o especialista na área da educação exerce sua função na rede estadual, conforme mostra a tabela a seguir, que contextualiza o perfil dos entrevistados:

Quadro 2. Informações sobre os sujeitos da pesquisa

Professores	Idade	Formação	Atuação
Professor “C”	50 anos	Magistério/Superior incompleto	Escola pública do Estado
Professor “E”	62 anos	Magistério/Superior incompleto	Escola pública do Estado
Professor “M”	27 anos	Licenciatura em Pedagogia e Geografia/Pós-graduação em Gestão e em Psicopedagogia	Escola pública do Estado
Professor especialista “P”	40 anos	Licenciatura em Pedagogia/Pós-graduação em Alfabetização	Escola pública do Município

Fonte: A autora (2015)

Para iniciar o relato dos resultados da pesquisa, primeiramente é importante relembrar as ideias de Soares (2004; 2015) quanto aos conceitos de alfabetização e letramento, ressaltando que as concepções teóricas da autora também são citadas no livro do Pacto Nacional de Educação na Idade Certa em 2012 – utilizado pelos professores entrevistados. A autora defende que a alfabetização e o letramento são ações diferentes, mas devem andar juntas, indissociáveis, ou seja, alfabetizar letrando, ensinar a ler e escrever visando às práticas sociais da leitura e escrita. Schotten (2011) nos faz um alerta ao mencionar que, depois do surgimento do conceito de letramento, a alfabetização quase virou sinônimo de decodificação, por este motivo o professor alfabetizador deve ter conhecimento da distinção dos conceitos de alfabetização e letramento, mas entendendo que esses processos devem ser articulados e vinculados ao processo de alfabetização na escola. Baseados nisso, os professores entrevistados relataram o que pensam sobre a alfabetização e o letramento, o que será apontado na tabela a seguir:

Quadro 3. Respostas dos sujeitos desta pesquisa

Professor entrevistado	Caracterização sobre alfabetização	Caracterização sobre letramento
Professor “C”	“Apropriação da escrita e da leitura”.	“Apropriação da escrita e da leitura/ Envolve conhecimentos matemáticos”.
Professor “E”	“Está ligada à leitura e à escrita”.	“Uso que o aluno faz da leitura e da escrita no seu cotidiano”.
Professor “P”	“Decifrar códigos”.	“Leitura do mundo/Entendimento”.
Professor especialista “M”	“Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, dentro de uma área maior, que é o letramento”.	“É a inserção e a participação nas práticas letradas do dia a dia”.

Fonte: A autora (2015).

Analisando as respostas, podemos perceber que a maioria dos professores concorda com Soares (2004; 2015), de que há diferença entre a alfabetização e o letramento, e ressaltam que o letramento é o uso da escrita, ou seja, as práticas da escrita. É importante perceber também que o professor “C” destaca que o conhecimento matemático faz parte do letramento.

Dessa forma, podemos considerar que os professores já possuem uma visão atualizada desses conceitos, porém é importante perceber que métodos são utilizados por eles em suas práticas pedagógicas para compreenderem a articulação entre alfabetização e letramento na sala de aula.

A maioria dos professores relata que utiliza mais de um método, sendo eles: silabação, diferentes jogos, partindo sempre da parte para o todo. Todos destacam que vinculam às atividades as questões fonêmicas. O professor “P” relatou que utiliza o método fonovisuarticulatório, popularmente conhecido como método das boquinhinhas.

Sendo assim, podemos afirmar que a maioria dos professores utiliza o método sintético, que se diferencia do método analítico, pois, conforme Carvalho (2005), os métodos sintéticos partem da relação entre as letras e os sons até chegar à palavra, e os métodos analíticos partem das unidades maiores, como textos, para assim chegar às partes menores.

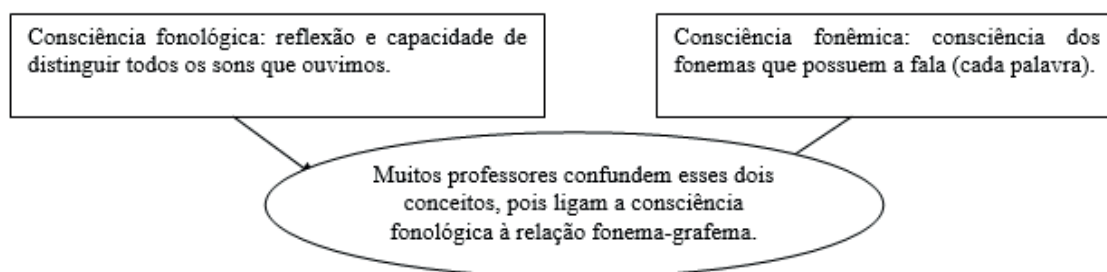
No entanto, todos salientam a importância da relação do som com a introdução da escrita. Cabe salientar que várias metodologias são utilizadas no processo de alfabetização. No entanto, existe uma que não é caracterizada como método, mas é essencial na construção da escrita, ou seja, a consciência fonológica é um dos elementos citados pelos professores.

Quando perguntados se utilizam a perspectiva da consciência fonológica nas suas práticas pedagógicas, os professores relatam que essa serve de alicerce para alfabetização, como destaca o professor “P”. Entretanto, confundem os conceitos consciência fonológica e consciência fonêmica. Para Adams et al. (2006), as unidades menores da fala que se relacionam com as letras do sistema alfabético são os fonemas, por isso a consciência de que a língua é composta por esses pequenos sons chama-se consciência fonêmica.

Os professores entrevistados concordam que a consciência fonológica está ligada ao som de cada letra, e também relatam que essa perspectiva é a compreensão das relações entre a fala e a escrita, ou seja, uma reflexão sobre como escrever o que falamos. Contudo, a consciência fonológica é mais ampla, pois ela é a capacidade de diferenciar e manipular os sons que compõem a língua, e existe desde antes do aprendizado da leitura e da escrita, conforme afirmou Rivière (2010 apud CARVALHO, 2005) em sua obra Alfabetizar e letrar.

A partir desses apontamentos é possível afirmar que há uma confusão entre os conceitos de consciência fonológica e consciência fonêmica entre os professores alfabetizadores, pois, como citado anteriormente, consciência fonêmica é a consciência do som de cada fonema, e a consciência fonológica é a capacidade de distinguir sons.

Figura 2. Conceitos de consciência fonológica e consciência fonêmica



Fonte: A autora (2015).

Para entender a consciência dos sons é preciso refletir sobre a oralidade, pois, segundo Ferreira (apud BOLZAN, 2007), a reflexão sobre a oralidade é muito importante para a com-

preensão do sistema alfabético, considerando suas propriedades que não aparecem no ato da comunicação.

Por isso foi perguntado aos professores como eles administravam a introdução da escrita com relação à fala. Eles responderam que primeiro é preciso fazer o aluno compreender a função da escrita como representação da fala. Depois os alunos precisam entender que a escrita possui regularidades, a fim de dominá-las. O professor “M” sugere que nessa fase se valorize a escrita espontânea, pois é através dela que o aluno alcançará a escrita alfabética, concordando assim com a teoria de Emília Ferreiro (1987), segundo Dalla Valle (2011), de que se deve valorizar a construção da escrita da criança.

Trazendo à tona as palavras de Adams et al. (2006, p. 19), “antes de compreender o princípio alfabético, as crianças precisam entender que os sons que cada letra possui são os sons da fala. No entanto, para quem sabe ler e escrever isso é quase óbvio, mas, segundo pesquisas, essa relação é um processo que não surge de forma fácil nos seres humanos”.

Visando a valorizar a construção da escrita, cabe ressaltar o que Ferreiro (1986 apud DALLA VALLE, 2011) citou anteriormente sobre os níveis conceituais para o desenvolvimento da escrita, conforme segue:

Quadro 4. Níveis de desenvolvimento

Nível pré-silábico	Nível silábico	Nível silábico-alfabético	Nível alfabético
Nesse nível a escrita não estabelece correspondência com o som. A criança não diferencia símbolos, misturando letras e números. Ou até mesmo usando só letras, não vinculando com o som.	Nesse nível, a criança conta os “pedaços sonoros”, ou seja, as sílabas das palavras e usa uma letra para cada sílaba. As letras podem ou não ter valor sonoro convencional.	Percebe que precisa de mais de uma letra para escrever uma sílaba, mas ainda não consegue formar todas as sílabas das palavras.	Consegue expressar graficamente o que fala, mas escreve foneticamente, e não ortograficamente. Por isso, são comuns palavras com pequenos “erros”.
Boneca- hjekaof	Boneca- oea / bnc	Boneca- bonc	Boneca- boneca Hipopótamo- ipopótamo

Fonte: Adaptado de Ferreiro (apud DALLA VALLE, 2011)

Pensando em respeitar o tempo de aprender de cada um, reconhecer a escrita como transcrição da fala e promover uma aprendizagem mais efetiva, foi criada uma lei que amplia o Ensino Fundamental para nove anos, e a Resolução 7 do ano de 2010 (BRASIL, 2012), que complementa essa lei afirmando que os três primeiros anos da segunda etapa de Educação Básica sejam destinados à alfabetização e não devem ser passíveis de interrupção, sendo o ciclo um bloco pedagógico voltado para ampliar a todos os alunos as oportunidades de sistematização e aprofundamento das aprendizagens básicas.

Sendo assim, os professores foram questionados se, durante os três anos do Ciclo de Alfabetização, fosse utilizada a perspectiva da consciência fonológica, haveria melhorias na aprendizagem dos alunos. Eles responderam, em sua maioria, que sim; o professor “M” acrescenta que, se levados vários aspectos em consideração, como a continuidade das metodologias durante o Ciclo, entre elas a consciência fonológica, os resultados seriam melhores. Já o pro-

fessor “P” acrescenta que na sua escola esse trabalho já é realizado e por isso essa instituição é referência em alfabetização na rede municipal.

Adams et al. (2006) salientam em sua obra que escutar sons que não fazem parte da fala é fácil, desde que se tenha atenção. Por isso, é importante o trabalho com os jogos de escuta através dos sons do cotidiano, para estimular a arte de ouvir ativa, atenta e analiticamente.

Contudo, a maioria dos professores entrevistados relaciona a consciência fonológica à relação entre o fonema e o grafema, não trabalhando a reflexão do som. Alguns relataram que a Educação Infantil deve preocupar-se com o desenvolvimento integral do aluno e não prepará-lo para a alfabetização, mas tudo que visar ao lúdico será útil para o desenvolvimento do aluno.

Entretanto, é preciso ter como definição que “[...] a consciência fonológica ou metafonologia é entendida como uma habilidade de refletir explicitamente sobre a estrutura sonora” (SANTOS et al., 1997 apud BASSO, 2007, p. 45).

Desta forma, ela pode ser trabalhada levando os alunos a refletirem sobre os sons, com brincadeiras e jogos de escuta, músicas, rimas, comparações entre sons diferentes do dia a dia. Atente que essas atividades não apresentam o princípio alfabético, mas contribuem para que as crianças desenvolvam a escuta, que facilitará o processo de alfabetização, pois, conforme os professores “P” e “E”, a Educação Infantil é um diferencial que auxilia na alfabetização e, quando trabalha a habilidade de refletir, a estrutura sonora gera uma predisposição para aprender a ler e escrever.

Nesse sentido, todo processo de ensino e aprendizagem possui dificuldades, independentemente de métodos ou técnicas, como a ausência da família, principal dificuldade encontrada pelos professores entrevistados. São destacados também na rede estadual a falta de recursos e o atendimento especializado, que, muitas vezes, os alunos a eles não têm acesso.

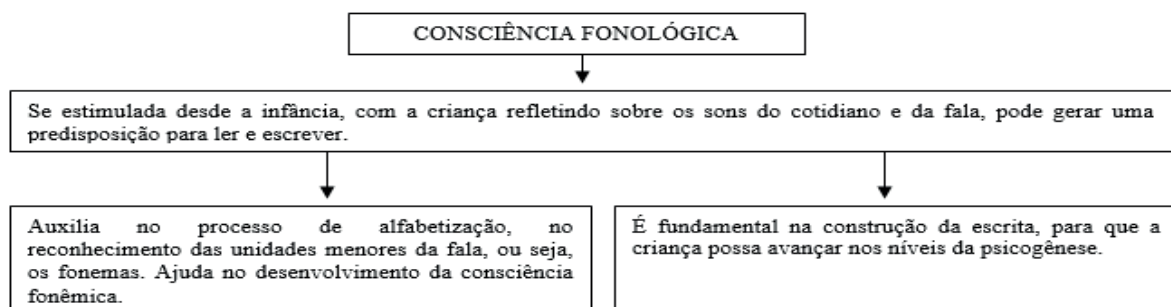
Os professores ressaltam que a gestão escolar pode contribuir no processo de alfabetização de muitas maneiras, seja acompanhando o trabalho dos alunos, auxiliando os professores, mediando a relação família-escola, seja proporcionando formação continuada e recursos e metodologias diversificados.

Sendo esses os resultados e as discussões da pesquisa, há a possibilidade de avaliar se os objetivos foram alcançados, pois através da pesquisa bibliográfica e também das entrevistas podemos reconhecer as contribuições da consciência fonológica desde a Educação Infantil, uma vez que essa perspectiva serve de suporte para as metodologias utilizadas e auxilia o aluno a pensar sobre a fala relacionada à escrita.

Analisando o trabalho da Consciência Fonológica na Educação Infantil, foi possível entender que essa ação é mais ampla do que relacionar fonemas a grafias, é a reflexão sobre diversos sons do cotidiano, fazendo com que a criança seja mais atenta ao escutar e diferenciar sons. Quando trabalhada, a habilidade de refletir sobre as características e a estrutura do som gera na criança uma predisposição para entender a relação da fala e da escrita no período de alfabetização.

A pergunta da pesquisa pode ser respondida de forma positiva, pois a consciência fonológica contribui na alfabetização quando trabalhada desde a infância através de jogos e brincadeiras de escuta para refletir sobre os sons. Assim, a criança terá maior facilidade de compreender a relação das unidades menores da fala, ou seja, a consciência fonêmica na alfabetização. Importante frisar que o trabalho contínuo desde a Educação Infantil até o Ciclo de Alfabetização poderia gerar uma aprendizagem mais efetiva, fazendo a criança pensar sobre a escrita, proporcionando também o letramento. Sendo assim, é possível representar as contribuições da consciência fonológica resultantes dessa pesquisa por meio do seguinte esquema:

Figura 3. As contribuições da consciência fonológica – fundamentada na Pesquisa Bibliográfica e nas Entrevistas



Fonte: A autora (2015)

O letramento é uma prática a ser utilizada na alfabetização, que visa inserir o aluno no mundo da leitura e da escrita, de modo que ele consiga utilizá-lo em seu dia a dia, surgindo de uma crítica aos métodos de alfabetização.

Podemos considerar que a consciência fonológica não é um método e auxilia o aluno a pensar sobre a fala, que é um meio de comunicação. Cabe relacioná-la com o letramento, pois ele também não supõe métodos, e pode estar em processo antes mesmo de acontecer o processo de codificação e decodificação, como é ressaltado por Dalla Valle (2011).

Considerações finais

Este estudo teve como finalidade reconhecer as contribuições da consciência fonológica no processo de alfabetização, por meio de uma pesquisa teórica e empírica – com entrevistas. A partir desta pesquisa foi possível identificar que a consciência fonológica é uma perspectiva que auxilia no processo de alfabetização, pois pode ser considerada importante para que a criança compreenda e reflita sobre a estrutura da sua fala. A consciência fonológica proporciona maior facilidade para reconhecer que os sons da fala são representados por meio da escrita.

A pesquisa foi de grande relevância, pois auxiliou na compreensão de que consciência fonológica é uma perspectiva que contribui para a alfabetização e o letramento, bem como permitiu entender seus conceitos.

Refletindo sobre a importância das práticas pedagógicas do professor, percebeu-se que, quando a criança é estimulada a refletir sobre os sons que escuta desde pequena, ela terá maior facilidade para refletir sobre os sons e as unidades menores da sua fala, para representá-la na escrita.

Para que isso aconteça, seria fundamental que fosse realizado um trabalho desde a infância, iniciado na Educação Infantil e tendo continuidade no Ciclo de Alfabetização – nos três primeiros anos do Ensino Fundamental. Foi relatado nas entrevistas que o planejamento e a organização de atividades com metodologias que estimulam a arte de escutar atentamente com os alunos desde a Educação Infantil podem gerar uma predisposição para ler e escrever, como foi citado pela professora de uma escola referência em alfabetização.

Cabe considerar que a consciência fonológica não é um método, mas também é fundamental no processo de ensino e aprendizagem na alfabetização, porque ela colabora para que o aluno pense e esteja atento à sua fala, sendo um exercício essencial para uma alfabetização que vise à prática ao letramento do aluno, podendo ser desenvolvida antes mesmo de acontecer o processo de codificação e decodificação da escrita.

No entanto, não se pode esquecer que, para aprender a ler e escrever, a criança preci-

sa entender o processo de sistematização (relação letra/fonema). Dessa forma, a utilização de metodologias nas práticas pedagógicas dos professores que envolvam a consciência fonológica ajudará a desenvolver a consciência fonêmica dos alunos.

Sendo assim, a reflexão das próprias práticas pedagógicas e a formação continuada do professor alfabetizador são essenciais para repensar metodologias para serem utilizadas no processo de alfabetização e letramento, destacando a consciência fonológica como um facilitador na construção da escrita.

Compreende-se então que se atualizar ao buscar formação continuada e refletir sobre sua ação docente são fatores importantíssimos em toda a trajetória profissional do professor, já que foi verificada uma dificuldade por parte dos entrevistados em diferenciar os conceitos de consciência fonológica e consciência fonêmica.

O professor deve ser consciente de sua função social na vida do aluno, ajudando-o a construir conhecimentos, a formá-lo não só para o mercado de trabalho por meio da leitura, escrita e pesquisa, mas também de prepará-lo para ser um cidadão, consciente da importância de seu papel social, na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências

ADAMS, Marilyn Jager et al. **Consciência Fonológica em crianças pequenas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 113, p. 51-63, jul. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a03n113.pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2015.

BOLZAN, Doris Pires Vargas (Org.). **Leitura e Escrita**: ensaios sobre a alfabetização. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

BASSO, Fabiane Puntel. O Papel da Consciência Fonológica no Processo de Construção da Lecto-Escrita. In: BOLZAN, Doris Pires Vargas (Org.). **Leitura e Escrita**: ensaios sobre a alfabetização. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional: **Pacto Nacional pela alfabetização na idade certa**: currículo na alfabetização: concepções e princípios. Ano 1. Unidade 1. Brasília: MEC, SEB, 2012.

_____. Ciclo de Alfabetização deve prosseguir sem interrupções. **Portal do MEC**. Brasília, 15 dez. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16166>. Acesso em: 10 abr. 2015.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis: Vozes, 2005.

DALLA VALLE, Luciana de Luca. **Metodologia da Alfabetização**. Curitiba: Ibpx, 2011.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1987.

KLEIMAN, Angela. **Os significados do Letramento**. São Paulo: Mercado das Letras, 1995.

SHOTTEN, Neuzi. **Processos de Alfabetização**. 2. ed. Indaial: Uniasselvi, 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto. 2015.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.

